

O apóstolo Paulo e os Epicuristas: perspectivas identitárias em Filipenses 3,2.

Carvalho, Adriano da Silva.

Cita:

Carvalho, Adriano da Silva (2024). *O apóstolo Paulo e os Epicuristas: perspectivas identitárias em Filipenses 3,2*. *Rebiblica*, 5 (9), 1-22.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/adrianodasilvacarvalho/3>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pUKK/dpq>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. *Acta Académica* fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

O apóstolo Paulo e os Epicuristas: perspectivas identitárias em Filipenses 3,2

*The apostle Paul and the Epicureans:
identity perspectives in Philipians 3,2*

Adriano da Silva Carvalho

Resumo

Muitos comentaristas entenderam Filipenses 3,2 como uma clara advertência contra os judaizantes. No entanto, esse versículo admite outras possibilidades interpretativas. E, de fato, alguns intérpretes têm apresentado novas leituras dessa passagem. Por exemplo, certo escritor sugeriu que o apóstolo pudesse ter em mente os filósofos cínicos. Outros pensaram que Paulo estivesse distinguindo três tipos de pessoas. Este artigo visa contribuir com esse debate ao apresentar o ponto de vista de Norman DeWitt, que oferece evidências (indiretas) de que os epicuristas foram um dos principais oponentes de Paulo e do cristianismo. E assume que depois de serem evidenciados certos símbolos e elementos velados na linguagem do autor da epístola, poder-se-á perceber que o epíteto infame em 3,2: “τοὺς κύννας” aponta para os seguidores do filósofo grego Epicuro. Além de Norman DeWitt, buscou-se dialogar com outros autores que tratam do assunto e contribuem para a reflexão desta investigação. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica. Como resultado, será enfatizado que o versículo 3,2 de Filipenses está aberto a muitas possibilidades identitárias.

Palavras-chave: Paulo. Filipenses. Cães. Epicuro. Interpretação.

Abstract

Many commentators have understood Philippians 3:2 as a clear warning against Judaizers. This verse, however, admits of other interpretations. And indeed, some commentators have suggested new readings for this passage. For example, one author suggested that the apostle might have had the Cynic philosophers in mind. Others thought that Paul distinguished between three kinds of people. This article aims to contribute to this debate by presenting the viewpoint of Norman DeWitt, who provides (indirect) evidence that the Epicureans were among the main opponents of Paul and Christianity. And he assumes that after the evidence of certain symbols and elements in the language of the author of the letter, it can be seen that the infamous epithet in 3.2: "τοὺς κύνας" refers to the followers of the Greek philosopher Epicurus. In addition to Norman DeWitt, we sought to dialogue with other authors who deal with the subject and contribute to the reflection of this investigation. As methodology, a bibliographical study was carried out. As a result, it is emphasized that Philippians verse 3:2 is open to many identity possibilities.

Keywords: Paul. Philippians. Dogs. Epicurus. Interpretation.

Introdução

A teologia cristã aproveitou-se de alguns conceitos de Aristóteles e Platão, notadamente o esquema de longa duração da matéria e da forma, causas eficientes e finais, e a participação das coisas terrenas em uma realidade supramundana. Mas, e de Epicuro ela não aproveitou nada? Na verdade a tese defendida por Norman Went worth DeWitt é que o apóstolo Paulo teria uma dívida com esse filósofo grego. A Epístola aos Filipenses, segundo esse autor, seria adequada para iniciar um estudo da influência do epicurismo nos escritos de Paulo.¹ DeWitt está seguro de que o apóstolo refere-se aos epicurista sem muitos trechos dessa carta,

¹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 21.

inclusive no versículo objeto da investigação nesta pesquisa.² Este estudo, portanto, pretende analisar a passagem de Filipenses 3,2 em um contexto mais amplo, no qual se examinam as conexões entre os ensinamentos de Paulo e os de Epicuro; e os epicureus como um grupo de oposição ao cristianismo. A tese que será defendida nesta pesquisa é que o tríplice imperativo (βλέπετε) em 3,2 poderia ter como sujeito muitos tipos como, por exemplo, (1) Judeus; (2) judeus cristãos; (3) gnósticos; (4) cínicos; (5) apóstatas; (6) gentios; (7) e até mesmo os seguidores do filósofo grego Epicuro.

1. A cidade de Filipos

A Filipos dos tempos bíblicos ficava na Macedônia Oriental, a parte norte da Grécia, seu nome deriva de Filipe pai de Alexandre, o Grande, que a fundou em 368 a.C., em um local anteriormente conhecido como Krenides.³ A cidade estava em uma posição geográfica privilegiada, por ela passava a grande estrada conhecida como “Via Egnatia” que ligava a Europa a Ásia.⁴ Em 42 a.C., Filipos viu uma das batalhas decisivas da história, quando Antônio e Otaviano derrotaram a Bruto e Cássio os assassinos de César.⁵ A cidade foi transformada em uma colônia romana e muitos dos veteranos do Exército romano se estabeleceram ali.⁶ Passou a gozar do status “ius italicum,” isto é, um privilégio concedido a certas comunidades nas províncias romanas em que suas terras eram tratadas por lei como se estivessem na Itália.⁷ Assim, Filipos tornou-se uma miniatura de Roma.⁸

1.1. A comunidade

A comunidade de crentes em Filipos formou-se através da atividade de Paulo, quando ele veio à Europa em sua segunda viagem

² DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 24.

³ HUNTER, A. M., The Letter of Paul to the Galatians, p. 78.

⁴ HUNTER, A. M., The Letter of Paul to the Galatians, p. 78.

⁵ HUNTER, A. M., The Letter of Paul to the Galatians, p. 78.

⁶ HUNTER, A. M., The Letter of Paul to the Galatians, p. 78.

⁷ BYRNE, B., Carta a los Filipenses, p. 304.

⁸ HUNTER, A. M., The Letter of Paul to the Galatians, p. 78.

missionária (At 16,12-40). Filipos foi, portanto, a primeira igreja europeia fundada pelo apóstolo.

1.2. Epístola

A autoria paulina de Filipenses, contestada pela Escola de Tübingen no século XIX, não é refutada atualmente.⁹ Paulo dá a entender que escreveu a epístola da prisão (1,7), mas não informa a localização dessa prisão. Entretanto, os autores têm pensado em uma das prisões onde ele esteve encarcerado. Duas delas têm recebido um forte apelo, quais sejam: Roma e Éfeso.¹⁰ Para se saber a data em que a epístola foi escrita é preciso identificar o período em que o apóstolo esteve preso. Há muitas incertezas sobre isso. Mas, supõe-se que tenha sido em uma data entre o ano 50 ou início de 60.¹¹ Há também o incômodo gerado pela falta de harmonia entre os capítulos da epístola. Os trechos de 3,2 a 4,3 parecem estar em flagrante desarmonia com outras passagens da epístola.¹² Conjecturou-se que esses trechos pudessem pertencer a outras cartas escritas por Paulo.¹³ Existem três pontos de vista acerca da composição literária de Filipenses, quais sejam: (1) a epístola é uma unidade; (2) a epístola é composta de duas cartas de Paulo a Filipos; (3) a epístola é a composição de três cartas paulinas.¹⁴ Contudo, seja qual for a conclusão aceita, a maioria concorda que todo o conteúdo da carta vem da mão de Paulo e foi escrita para a igreja na cidade de Filipos, mais ou menos, na mesma época.¹⁵ Paulo escreveu a epístola aos Filipenses com quatro propósitos em mente: (1) agradecer pelo apoio financeiro (4,10); (2) garantir que Epafrodito receba boas-vindas quando voltar a Filipos (2,25-30); (3) atualizá-los sobre sua situação atual em Roma sob prisão domiciliar e o

⁹ BYRNE, B., Carta a los Filipenses, p. 305.

¹⁰ CARSON, D. A.; et al., An Introduction to the New Testament, p. 319-321.

¹¹ CARSON, D. A.; et al., An Introduction to the New Testament, p. 321-322.

¹² ASCOUGH, R. S., Voluntary Associations and Community Formation, p. 97.

¹³ Existe uma concepção propagada, embora não seja unânime, de que Filipenses representa o arranjo de duas ou três cartas originalmente separadas, ver: BYRNE, B., Carta a los Filipenses, p. 305.; ASCOUGH, R. S., Voluntary Associations and Community Formation, p. 97.

¹⁴ ASCOUGH, R. S., Voluntary Associations and Community Formation, p. 97.

¹⁵ ASCOUGH, R. S., Voluntary Associations and Community Formation, p. 99.

futuro que está reservado para ele (1,12-26; 2,19-30); (4) encorajá-los a viver com alegria como cidadãos do reino de Deus de uma maneira digna do evangelho, mesmo em face de pressões internas e externas. (1,27-4,9).¹⁶

2. Os cães

Sugeriu-se que a frase “os cães” em Filipenses 3,2 pudesse estar refletindo um epíteto familiar aos judeus.¹⁷ Sabe-se que esse termo indicava desprezo e aversão tanto para judeus quanto para gentios.¹⁸ Em tempos remotos ele foi aplicado para indicar reprovação.¹⁹ Certo autor comentou que o preço de um cão e o aluguel de uma cortesã foi colocado na mesma categoria.²⁰ Nos países ao leste da Grécia o termo "κύνας" era uma expressão de extremo menosprezo.²¹ Os cães ali eram animais selvagens e sem dono, que rondando à noite, alimentando-se de lixo e devoravam cadáveres insepultos.²² É importante também analisar o termo “cão” por suas associações de uso oriental.²³ Em hebraico "kelev" – “cão” apontava para os pecadores mais vis e imundos.²⁴ Mas, é possível que Paulo ao usar a frase “os cães” quisesse destacar o caráter impuro e anticristão dos inimigos espirituais dos Filipenses?²⁵ É suposição bem aceita que nesse verso o apóstolo estivesse advertindo contra pessoas que

¹⁶ HARMON, M., *Philippians*, p. 46.

¹⁷ BROWN, R. E., *An Introduction to The New Testament*, p. 487.

¹⁸ VINCENT, M. R., *The Epistles to The Philippians and to Philemon*, p. 92.

¹⁹ EADIE, J., *A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians*, p. 165.

²⁰ VINCENT, M. R., *The Epistles to The Philippians and to Philemon*, p. 92.

²¹ EADIE, J., *A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians*, p. 166.

²² EADIE, J., *A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians*, p. 166.

²³ EADIE, J., *A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians*, p. 165.

²⁴ EADIE, J., *A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians*, p. 166.

²⁵ ELLICOTT, C. J., *Critical and Grammatical Commentary on ST. Paul's Epistles to the Philippians*, p. 66.

ensinavam que os cristãos deveriam se submeter à circuncisão.²⁶ Eram, portanto, judaizantes.²⁷ Assim, pareceu subentendido que o sujeito descrito em 3,2 pudesse ser identificado como judeu, ou judeu-cristão.²⁸ Muitos estudiosos adotam uma ou outra dessas posições.²⁹ Entretanto, leituras mais elaboradas têm apontado outras possibilidades identitárias para Filipenses 3,2.

2.1. Cristãos de origem judaica

Supôs-se que os cristãos da comunidade de Filipos estivessem sendo pressionados a adotar um estilo de vida com regulamentos específicos.³⁰ Missionários (cristãos de origem judaica) vindos da igreja-mãe em Jerusalém começaram a ensiná-los que se quisessem ser melhores cristãos deveriam adotar um estilo de vida judaico.³¹ Segundo Donald R. Sunukjian, os cristãos de origem judaica estavam dizendo aos cristãos gentios: "é maravilhoso que vocês, gentios, tenham acreditado em Jesus Cristo e sejam salvos. Mas se vocês querem agradar plenamente a Deus, vocês também terão que seguir as antigas diretrizes que Deus deu ao seu povo."³² João Crisóstomo argumentou que esses mestres eram judeus gananciosos e ambiciosos, que no desejo de arrastar muitos fiéis pregavam tanto o cristianismo quanto o judaísmo.³³ Crisóstomo ainda sublinhou:³⁴ "antigamente os gentios eram chamados de cães, mas agora são os judeus". Paulo adverte contra esses judaizantes usando uma palavra que costumava ser empregada para indicar desaprovação.³⁵ Certo autor ressaltou, eles se gabavam de serem da circuncisão, mas o apóstolo zomba deles chamando-

²⁶ ASCOUGH, R. S., *Voluntary Associations and Community Formation*, p. 101.

²⁷ EADIE, J., *A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians*, p. 166.; FEE, G. D., *Paul's Letter to the Philippians*, p. 293-294.

²⁸ ASCOUGH, R. S., *Voluntary Associations and Community Formation*, p. 101.

²⁹ ASCOUGH, R. S., *Voluntary Associations and Community Formation*, p. 101-102.

³⁰ SUNUKJIAN, D. R., *Invitation to Philippians*, p. 76.

³¹ SUNUKJIAN, D. R., *Invitation to Philippians*, p. 76.

³² SUNUKJIAN, D. R., *Invitation to Philippians*, p. 76.

³³ MAYER, W. (Ed.), *John Chrysostom*, p. 213-215.

³⁴ MAYER, W. (Ed.), *John Chrysostom*, p. 215.

³⁵ PLUMMER, A., *A Commentary on St. Paul's Epistle to the Philippians*, p. 69.

os de concisão, pois rasgaram a unidade da Igreja.³⁶ E são chamados “de “cães” porque para encher a barriga, atacaram a verdadeira doutrina com seus latidos sujos.”³⁷ A advertência do apóstolo contra eles segue com uma repetição tripla: cuidado... cuidado... cuidado!³⁸ Segundo William Hendriksen o apóstolo está dando golpes de martelo, sinalizando por atenção, a fim de que a igreja de Filipos pudesse se guardar do prejuízo espiritual e moral.³⁹ O apóstolo estava realmente preocupado, alguma coisa desencadeou na sua mente uma aguda consciência da ameaça que emanava do partido judaizante.⁴⁰

2.2. Judeus

O Novo Testamento marca a posição dos judeus como de posição feroz à pregação dos discípulos de Jesus. Os cristãos foram presos em muitas ocasiões e advertidos a não falarem ou ensinarem em nome de Jesus (Atos 4,18). A morte dos cristãos que desobedeciam a essa ordem era bem recebida pelos judeus (Atos 12,3). O autor de Atos faz um relato impressionante da decisão que os judeus haviam tomado acerca da vida de Paulo, At 23, 12: “quando amanheceu, os judeus se reuniram e, sob anátema, juraram que não haviam de comer, nem beber, enquanto não matassem Paulo”. Para alguns autores os oponentes descritos em 3,2 eram judeus que não queriam tolerar o apóstolo em seu próprio território missionário.⁴¹ Esses Judeus confiavam na circuncisão e recusavam-se a crer em Jesus.⁴² Paulo os chama pelo nome que eles mesmos lançaram tão impiedosamente contra os pagãos.⁴³ Como na última cláusula ele apelida

³⁶ TORRANCE, D. W.; TORRANCE, T. (Eds.), CALVIN, Jean, p. 268.

³⁷ TORRANCE, D. W.; TORRANCE, T. (Eds.), CALVIN, Jean, p. 267.

³⁸ HENDRIKSEN, W., Exposition of Philippians, p. 149.

³⁹ HENDRIKSEN, W., Exposition of Philippians, p. 149.

⁴⁰ BOCKMUEHL, M. N. A., The Epistle to the Philippians, p. 182.

⁴¹ Ver nota de rodapé em: CARSON, D. A.; et al., An Introduction to the New Testament, p. 327.

⁴² HENGEL, W. A. van H. (Ed.), Commentarius Perpetuus in Epistolam Pauli ad Philippenses, p. 214.

⁴³ EADIE, J., A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians, p. 166.

sua circuncisão ostentada, então ele os chama por uma designação que em seu orgulho desdenhoso eles costumavam usá-la contra outros.⁴⁴ Eles eram cães em relação à pureza e privilégios da Igreja.⁴⁵ Talvez Paulo estivesse usando de ironia: toma um termo que seus inimigos empregavam em relação aos novos convertidos nas igrejas gentias (de crenças incircuncisos), e lança-o de volta contra eles como vingança.⁴⁶

2.3. Cínicos

Alguns autores situando Paulo entre os cínicos sublinharam que no verso 3,2, o apóstolo teria usado um apelido comum para identificá-los.⁴⁷ O termo cínico – “kynikos” era um pejorativo derivado de “Kyon” – “cão”, supostamente refletindo o comportamento público repugnante associado a eles.⁴⁸ Mas, o contexto de Filipos não aponta para tal comportamento.⁴⁹ Mesmo assim, acredita-se que a frase “olhai para os cães” em 3,2, pudesse ser uma advertência contra os filósofos cínicos que receberam um novo destaque durante o período imperial.⁵⁰ Mas o apóstolo reflete em suas epístolas algum conhecimento do pensamento cínico? Alguns autores acreditam que sim.⁵¹

2.4. Gnósticos

É possível que em Filipenses 3,2-16 Paulo pudesse ter em mente o tipo judeu-cristão gnóstico.⁵² Esse tipo é suficientemente atestado desde o período

⁴⁴ EADIE, J., A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians, p. 166.

⁴⁵ EADIE, J., A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians, p. 166.

⁴⁶ MARTIN, R. P., New Century Bible Commentary, p. 124-125.

⁴⁷ WAGNER, N. E., Paul and Cynism in Philippians 3.2.; BROWN, R. E., An Introduction to The New Testament, p. 487.

⁴⁸ BROWN, R. E., An Introduction to The New Testament, p. 487.

⁴⁹ BROWN, R. E., An Introduction to The New Testament, p. 487.

⁵⁰ REUMANN, J., Philippians, p. 471-472.

⁵¹ WITHERINGTON, B. III., Friendship and Finances in Philippi, p. 3.

⁵² SCHMITHALS, W., Paul & the Gnostics, p. 119- 122.

inicial da igreja.⁵³ Destacou-se, inclusive, que quanto mais antigo é o gnosticismo cristão, mas ele mostra seu caráter judaico.⁵⁴ Nessa perspectiva, os oponentes em Filipos não são judeus, mas, Judeu-cristãos com inclinações gnósticas.⁵⁵ Embora a referência à circuncisão em Filipenses (3,2ss) pudesse indicar judeus, o termo insultuoso "os cães" apontaria para pessoas sensuais no comportamento (3,19).⁵⁶ E, de acordo com Edwin M. Yamauchi, o único movimento libertino dentro da comunidade cristã conhecido desde os primeiros tempos é o gnosticismo.⁵⁷ Esses gnósticos de origem judaica estariam ensinando que a perfeição vinha por meio do cumprimento da lei.⁵⁸ Talvez estivessem agindo como uma matilha de cães, continuamente latindo em seus calcanhares, e tentando atacar os crentes das igrejas gentias.⁵⁹ Paulo precisar reprová-los e considerá-los intrusos na congregação de Filipos. Eles são "pseudo-irmãos sorrateiros que se intrometeram para espionar a liberdade da igreja."⁶⁰

2.5. Gentios

Os gentios foram chamados de "cães" pelos judeus.⁶¹ O termo era uma forte expressão de desprezo dos judeus pelos pagãos.⁶² Essa alcunha era usada sob a ideia de impureza cerimonial.⁶³ É possível que Paulo estivesse usando a palavra "cães" de uma maneira diferente da usada pelos judeus.⁶⁴ O termo poderia ter a ver com a pureza ética.⁶⁵ Ou talvez

⁵³ SCHMITHALS, W., Paul & the Gnostics, p. 87.

⁵⁴ SCHMITHALS, W., Paul & the Gnostics, p. 87.

⁵⁵ YAMAUCHI, E. M., Pre-Christian Gnosticism, p. 43.

⁵⁶ YAMAUCHI, E. M., Pre-Christian Gnosticism, p. 43.

⁵⁷ YAMAUCHI, E. M., Pre-Christian Gnosticism, p. 43.

⁵⁸ YAMAUCHI, E. M., Pre-Christian Gnosticism, p. 43.

⁵⁹ MARTIN, R. P., New Century Bible Commentary, p. 125.

⁶⁰ MARTIN, R. P., New Century Bible Commentary, p. 125.

⁶¹ VINCENT, M. R., The Epistles to The Philippians and to Philemon, p. 92.

⁶² EADIE, J., A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians, p. 166.

⁶³ VINE, W. E., Vine's, p. 181.

⁶⁴ WRIGHT, N. T., Paul for Everyone, p. 116-117.

⁶⁵ WRIGHT, N. T., Paul for Everyone, p. 117.

o apóstolo estivesse simplesmente contrastando o caráter profano dos falsos pregadores com o dos verdadeiros cristãos.⁶⁶

2.6. Apóstatas

Os apóstatas eram comumente chamados de “cães.”⁶⁷ No Novo Testamento o termo “cão” é usado como uma metáfora para alguém que abandonou a fé (2 Pe 2,22). Alguns intérpretes pensaram que o verso 3,2 pudesse estar aludindo a algo como a excomunhão.⁶⁸ Mas essa opinião tem sido considerada uma interpretação inteligível.⁶⁹

2.7. Três tipos de pessoas?

A sintaxe em 3,2 (os cães, maus obreiros, mutilação) poderia estar indicando que Paulo estivesse descrevendo três tipos de pessoas? Pode-se conjecturar que a frase “os cães” pudesse ser uma referência aos cristãos que se voltaram à superstição dos judeus, assim, como cães retornam ao seu próprio vômito?⁷⁰ Os maus trabalhadores poderiam ser aqueles que não se afastaram de Cristo, mas pela superstição corromperam a doutrina?⁷¹ Os da mutilação seriam judeus que confiavam na circuncisão e desprezavam a Cristo?⁷² No passado alguns comentaristas pensaram que Paulo realmente estivesse se referindo a três tipos de pessoas em Filipenses 3,2.⁷³ Entretanto, é provável que o apóstolo estivesse na verdade descrevendo as mesmas pessoas

⁶⁶ VINCENT, M. R., *The Epistles to The Philippians and to Philemon*, p. 92.

⁶⁷ GNILKA, J., *The Epistle to the Philippians*, p. 51.

⁶⁸ ELLICOTT, C. J., *Critical and Grammatical Commentary on ST. Paul's Epistles to the Philippians*, p. 66.

⁶⁹ ELLICOTT, C. J., *Critical and Grammatical Commentary on ST. Paul's Epistles to the Philippians*, p. 66.

⁷⁰ HENGEL, W. A. van H. (Ed.), *Commentarius Perpetuus in Epistolam Pauli ad Philippenses*, p. 214.

⁷¹ HENGEL, W. A. van H. (Ed.), *Commentarius Perpetuus in Epistolam Pauli ad Philippenses*, p. 214.

⁷² HENGEL, W. A. van H. (Ed.), *Commentarius Perpetuus in Epistolam Pauli ad Philippenses*, p. 214.

⁷³ BOCKMUEHL, M. N.A., *The Epistle to the Philippians*, p. 183.

sob três ângulos diferentes.⁷⁴ Em qualquer caso, alguns autores assumem, que essa passagem representa um dos ataques mais claros e descarados de Paulo àqueles que tentaram, com base na origem judaica do cristianismo, impor um regime completo de observância da lei judaica aos gentios convertidos ao cristianismo.⁷⁵ "Seu tom e paixão são uma reminiscência de Gálatas, escrito quase uma década antes."⁷⁶ O verbo no imperativo ativo é seguido por um acusativo simples, e não por "ἀτό" com o genitivo, o que torna seu significado original mais enfático.⁷⁷ O sentido poderia ser: "observe-os para compreendê-los, inferindo-se que, quando forem compreendidos, serão evitados."⁷⁸ Esses maus trabalhadores "sob o pretexto de edificar a Igreja, não fizeram nada além de arruinar e destruir tudo."⁷⁹

3. A tese de DeWitt

Norman DeWitt explorou um contexto mais amplo dos escritos de Paulo. Isso o levou a conjecturar que em Filipenses 3,2 o apóstolo tivesse em mente os epicureus.⁸⁰ Segundo esse autor, os dois grupos que mais fizeram oposição ao cristianismo dos dias de Paulo foram os judeus fundamentalistas e os epicuristas.⁸¹ A oposição do primeiro grupo é facilmente percebida pelo leitor moderno, mas a do segundo nem tanto.⁸² Contudo, seguindo-se os rastros dos paralelismos ocultos e das adaptações não reconhecidas, poder-se-á perceber ensinamentos ou alusões ao epicurismo nos escritos de Paulo.⁸³ DeWitt acreditava que o epicurismo funcionou como uma ponte de transição da filosofia grega para religião cristã.⁸⁴ Ele acreditava ter aberto uma janela para o Novo Testamento, uma

⁷⁴ BOCKMUEHL, M. N.A., *The Epistle to the Philippians*, p. 183.

⁷⁵ BOCKMUEHL, M. N.A., *The Epistle to the Philippians*, p. 183.

⁷⁶ BOCKMUEHL, M. N.A., *The Epistle to the Philippians*, p. 183.

⁷⁷ EADIE, J., *A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians*, p. 165.

⁷⁸ EADIE, J., *A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians*, p. 165.

⁷⁹ TORRANCE, D. W.; TORRANCE, T. (Eds.), *CALVIN, Jean*, p.267.

⁸⁰ DEWITT, N. W., *St. Paul and Epicurus*, p. 24.

⁸¹ DEWITT, N. W., *St. Paul and Epicurus*, p. 21.

⁸² DEWITT, N. W., *St. Paul and Epicurus*, p. 21.

⁸³ DEWITT, N. W., *St. Paul and Epicurus*, p. vi.

⁸⁴ DEWITT, N. W., *St. Paul and Epicurus*, p. v.

janela que estava emparedada pelo preconceito há muitos séculos.⁸⁵ Esse preconceito tinha sua raiz na exasperação com a teologia de Epicuro, que repudiava a crença em milagres, profecia, providência divina e imortalidade.⁸⁶ Epicuro foi conseqüentemente denunciado como ateu, o que ele não era.⁸⁷ As doutrinas epicuristas consistiam de um corpo sedutor, bem organizado e apresentado de forma atraente.⁸⁸ Parte dessa doutrina consistia em analisar a felicidade como consistindo na memória dos prazeres passados, no gozo dos prazeres presentes e na esperança dos prazeres futuros.⁸⁹ A adoção do prazer como o principal bem da vida deu a desculpa para os inimigos denunciar Epicuro como um sensualista, o que ele não era, “seus prazeres não eram os prazeres da carne.”⁹⁰ Porém, sublinha DeWitt, o mérito da ética epicurista era tão superior e tão amplamente reconhecido que Paulo não teve outra alternativa senão adotá-la e abençoá-la com a nova sanção da religião, embora fosse inconcebível admitir sua dívida para com o suposto ateu e sensualista.⁹¹ Por essa razão, Epicuro foi relegado ao anonimato.⁹² Contudo, segundo DeWitt, quando a tela do anonimato é penetrada descobre-se que “as leituras mais queridas nas Epístolas de Paulo exibem a maior influência do amigável Epicuro.”⁹³ Como exemplo pode citar-se o ilustre hino ao amor no capítulo 13 da Primeira carta aos Coríntios.⁹⁴ Mas há outros exemplos nas epístolas de Paulo.

3.1. Alusões e influências

De acordo com DeWitt, a epístola aos Filipenses é adequada para iniciar o estudo sobre alusões e influências do epicurismo nos escritos de

⁸⁵ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v.

⁸⁶ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v.

⁸⁷ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v.

⁸⁸ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v.

⁸⁹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v.

⁹⁰ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v.

⁹¹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v.

⁹² DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v.

⁹³ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v.

⁹⁴ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. v. – p .vi.

Paulo.⁹⁵ Mas, esse autor lembra, que as doutrinas ofensivas dos epicuristas devem ser esperadas na parte central, e as adotáveis aguardadas na última seção da epístola.⁹⁶ De acordo com DeWitt, uma vez que tenhamos ficado completamente alertas para as implicações das palavras e frases de Paulo, as referências aos epicuristas serão numerosas.⁹⁷ Por exemplo:

Na Epístola aos Filipenses deveríamos ter pouca dificuldade em aprender a identificar os epicuristas pelas palavras "seu deus é o ventre" ou "eles se gloriam em sua vergonha". Por outro lado, um discernimento mais agudo deve ser adquirido para reconhecer o ensino epicurista no final de 4,11: pois aprendi a estar contente em qualquer estado em que me encontre.⁹⁸

Para DeWitt a parcialidade relutante de Paulo pelo vocabulário de Epicuro muitas vezes fornece a pista que leva à precisão da interpretação e, “isso é especialmente verdadeiro para as seções finais das Epístolas onde os itens adotáveis do credo amigável se apresentam com mais frequência”.⁹⁹ Assim, poder-se-á perceber alusões em passagens como 3,19: “o deus deles é o ventre e a glória deles está na infâmia”; e 4,11: “aprendi viver contente em toda e qualquer situação”; mas, também em: 3,2: “os cães”; 3,18: “inimigos da cruz de Cristo”; 4,4: “alegrai-vos sempre”; 4,8: “tudo o que é verdadeiro.

3.1.1. O deus deles é o ventre

DeWitt lembrou que Epicuro era apresentando pelos seus inimigos e opositores como um sensualista e entregue aos prazeres do estômago.¹⁰⁰ Na Idade Média, por exemplo, essa ideia era expressa em uma imagem.¹⁰¹ Em uma delas Epicuro está representado em companhia de Sardanápalo, um infame voluptuoso oriental.¹⁰² Para DeWitt pouco importava que essa

⁹⁵ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 21.

⁹⁶ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 22.

⁹⁷ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 22.

⁹⁸ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 22.

⁹⁹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 28.

¹⁰⁰ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 22.

¹⁰¹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 22.

¹⁰² DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 22 -23.

acusação fosse falsa: Epicuro foi o mais caluniado de todos os filósofos.¹⁰³ E, segundo esse autor, essa apresentação ultrajante de Epicuro decorreu da compreensão equivocada de muitos de seus ensinamentos: um dos seus ensinamentos mais mal compreendido é aquele que defende que o prazer é o principal bem da vida ou o principal fim do homem.¹⁰⁴ Todos os seres humanos, mesmo os recém-nascidos, defende Epicuro, buscam o prazer como o maior bem e fogem da dor como o maior mal.¹⁰⁵ DeWitt argumentou que no julgamento de seus inimigos, não era para ser creditado a Epicuro, que pelo ensinamento da mesma Natureza que identificou o prazer como o maior bem, a definição de verdadeiro prazer foi tão estreita a ponto de exigir de seus devotos um rigor de vida que era quase ascético:¹⁰⁶ “o prazer de beber, por exemplo, seria limitado pelo saciar a sede; o prazer de comer devia ser limitado pela satisfação da fome.”¹⁰⁷ Mas, então por que a acusação “seu deus é o ventre”? DeWitt escreveu que ela decorre de citações fora de contexto ou da incompreensão de certos ensinamentos epicuristas.¹⁰⁸ Esse autor cita como exemplo a frase “o prazer do estômago é o começo é a raiz de todo o bem, e nisto as coisas da sabedoria e os refinamentos da vida têm seu padrão de referência”.¹⁰⁹ Citado fora de contexto, este julgamento exibe uma crueza chocante.¹¹⁰ Todavia, conforme DeWitt pontuou, esse ensinamento deve ser avaliado como parte de uma abordagem genética para o estudo da ética.¹¹¹ Em outras palavras, ele presume que a vida humana se desenvolve por etapas, infância, adolescência e maturidade.¹¹² E, nesse caso, o prazer do estômago é o primeiro conhecido na infância: outros órgãos com seus respectivos prazeres entram em atividade um a um.¹¹³ A mente amadurece por último e deve ser considerada como um órgão do ser físico não menos que o estômago.¹¹⁴

¹⁰³ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹⁰⁴ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹⁰⁵ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹⁰⁶ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹⁰⁷ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹⁰⁸ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹⁰⁹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹¹⁰ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹¹¹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹¹² DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹¹³ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

¹¹⁴ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 23.

3.1.2. Eles se gloriam em sua vergonha

Foi o ensino sobre a importância do prazer que levou os inimigos de Epicuro a acusá-lo de falta de vergonha.¹¹⁵ A própria expressão “prazer” pode soar assustadora para a moralidade convencional e “a respeitabilidade piedosa.”¹¹⁶ DeWitt lembrou que Aristóteles afirmava que mesmo as pessoas que acreditavam que o prazer tinha a sanção da Natureza, como o fim principal do homem, hesitariam em patrocinar essa doutrina.¹¹⁷ De acordo com DeWitt as Doutrinas Autorizadas de Epicuro teriam proporcionado base para a acusação de que “...se gloriam em sua vergonha.”¹¹⁸ O filósofo havia declarado seus ensinamentos sobre o prazer com uma franqueza que parecia um desafio desavergonhado à moralidade ortodoxa.¹¹⁹ Um deles diz: “nenhum prazer é mau em si mesmo, mas as práticas produtivas de certos prazeres podem resultar em angústias superando muitas vezes os próprios prazeres”.¹²⁰ Isso significa que todos os prazeres são bons; o mal reside unicamente em suas consequências.¹²¹ Em outro ensino o filósofo afirmou que se os prazeres de perdulários dissiparam os medos da mente e emoções perturbadoras semelhantes, “nunca teríamos motivos para culpá-los...”¹²² Esta declaração por si só, ressalta DeWitt, publicada originalmente no calor da controvérsia, mesmo que nenhuma outra evidência fosse citada, justificaria a censura, “eles se gloriam em sua vergonha.”¹²³

3.1.3. Alegrai-vos sempre

¹¹⁵ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 24.

¹¹⁶ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 24.

¹¹⁷ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 24.

¹¹⁸ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 25.

¹¹⁹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 25.

¹²⁰ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 25.

¹²¹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 25.

¹²² DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 25.

¹²³ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 25.

É nas seções conclusivas de cada carta do apóstolo que as alusões ou influências dos ensinamentos epicuristas são detectadas com mais frequência.¹²⁴ Este é o caso, aponta DeWitt do verso 4,4.: "regozijai-vos sempre no Senhor."¹²⁵ Esse autor pergunta: por que Paulo deveria dizer "sempre" e por que deveria buscar a ênfase pela repetição: outra vez digo: alegrai-vos"?¹²⁶ Para DeWitt isso teria a ver com um capítulo de discussão na história da filosofia:

Platão tornou-se bastante notório após sua morte por ter se colocado em posição de negar que um homem pudesse ser feliz o tempo todo. Ele havia associado o prazer aos vários órgãos do corpo. Estes, é claro, não podem estar em estado de excitação o tempo todo. Consequentemente deve haver picos de prazer separados por intervalos desprovidos de prazer ou por "estados mistos", nos quais a dor e o prazer estão simultaneamente presentes. Epicuro que seguiu de perto Platão em termos de tempo, rejeitou a suposição de que a felicidade contínua fosse impossível.¹²⁷

Epicuro associou o prazer à saúde, assim como a dor está associada à doença.¹²⁸ Desse modo, se um homem pode ser saudável o tempo todo, ele também pode ser feliz o tempo todo.¹²⁹ Mas, existe outra questão aqui como observou DeWitt:

Se agora tivermos em mente que Paulo está se dirigindo às comunidades em que os epicuristas são numerosos e que ele está disposto a se tornar "como um grego para os gregos" para trazer alguns deles para o seu credo, ele poderia oferecer-lhes menos felicidade do que Epicuro havia oferecido?¹³⁰

Para DeWitt o "alegrai-vos sempre no Senhor" do apóstolo Paulo pode ser tomado como substituto das palavras de seu concorrente: "é para

¹²⁴ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 26.

¹²⁵ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 27.

¹²⁶ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 27.

¹²⁷ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 27.

¹²⁸ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 27.

¹²⁹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 27.

¹³⁰ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 27.

prazeres contínuos que eu os convido."¹³¹ Na lógica de Epicuro, destaca DeWitt, o prazer é contínuo porque não pode ser separado do viver, assim como a doçura do mel; mesmo o inválido pode subtrair a dor do prazer, deixando um equilíbrio de prazer.¹³² Já a razão do regozijo do cristão, ao contrário, “é a iminência da segunda Vinda...”¹³³

3.1.4. Tudo o que é verdadeiro

Em Filipenses 4,8 Paulo escreveu: "finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto". Mas quantos adoradores que experimentaram o conforto e elevação a partir do som dessa passagem, pergunta DeWitt, sabe exatamente o que se entende por essas palavras?¹³⁴ Os próprios tradutores seriam capazes de explicar?¹³⁵ DeWitt comentou que a admiração de Paulo por Epicuro se revela nas palavras que emprega.¹³⁶ Esse autor ressaltou que a palavra grega “*prospheiles*” que se aplica ao comportamento de uma pessoa, e significa “amigável” ou “disposto a fazer amigos” ocorre nos escritos epicuristas e no Novo Testamento apenas nesse versículo.¹³⁷ Esse autor também lembrou que os discípulos de Epicuro foram exortados “todos ao mesmo tempo a sorrir e praticar sua filosofia.”¹³⁸ Eles eram uma raça de homens alegres e insinuantes, com o objetivo de “fazer amizade com o maior número possível de pessoas.”¹³⁹ Para DeWitt nesse versículo Paulo estaria exortando aos Filipenses a deixar seus pensamentos se concentrarem em “tudo o que contribui para simpatia”.¹⁴⁰ E, quando Paulo diz “tudo o que é de boa fama” estaria exortando-os a deixar seus pensamentos se concentrarem em “tudo o que faz caridade ao falar dos outros”.¹⁴¹ Quando o apóstolo diz: “tudo o que é honroso” não quer dizer sobre ser “honesto”, mas

¹³¹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 27.

¹³² DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 27.

¹³³ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 27-28.

¹³⁴ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 28.

¹³⁵ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 28.

¹³⁶ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

¹³⁷ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

¹³⁸ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

¹³⁹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

¹⁴⁰ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

¹⁴¹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

“digno de reverência” como a palavra grega “semnos” dá a entender.¹⁴² Esse termo grego favorito de Epicuro, lembra DeWitt, ocorre no Novo Testamento apenas em Paulo.¹⁴³ Esse autor ainda lembrou, que Epicuro exigiu reverência por si mesmo como descobridor da verdade e declarou o princípio: "a reverência pelo homem sábio é uma grande bênção para aquele que sente a reverência".¹⁴⁴ Também exigia que cada discípulo mostrasse reverência por todos os que estavam mais avançados do que ele no caminho da sabedoria.¹⁴⁵ Para DeWitt, Paulo estava tornando o padrão cristão de comportamento aceitável para os convertidos epicuristas, adaptando-o às necessidades da nova comunidade, o próprio padrão de comportamento ao qual eles já estavam habituados: “Paulo estava se fazendo "como um grego para os gregos", que significa "como um epicurista para os epicuristas."¹⁴⁶

3.1.5. Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação

DeWitt acredita haver uma ironia definitiva no fato de Paulo ter lançado aos epicuristas a provocação de fazer do “ventre um deus” e depois terminar sua carta com o tema do autocontrole em questões de alimentação, revelando que seu ensino é até certo ponto idêntico ao de Epicuro.¹⁴⁷ DeWitt comenta que o tema do autocontrole no comer e no beber era banal, e a palavra-chave nas discussões era "autarkes", aqui traduzida como "conteúdo", embora "auto-suficiente" fosse mais exato.¹⁴⁸ Essa palavra grega ocorre em muitos filósofos, sem exceção de Epicuro, mas, no Novo Testamento apenas por Paulo.¹⁴⁹ DeWitt lembrou que para Diógenes a autossuficiência cínica significava independência de todas as amenidades da vida, incluindo comida, roupas e abrigo, e, por isso, ele escolheu dormir em um barril de vinho virado, como se estivesse em um canil.¹⁵⁰ Mas de acordo com DeWitt, Epicuro teria

¹⁴² DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

¹⁴³ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

¹⁴⁴ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

¹⁴⁵ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 29.

¹⁴⁶ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 30.

¹⁴⁷ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 34.

¹⁴⁸ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 35.

¹⁴⁹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 35.

¹⁵⁰ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 35.

se rebelado contra essa bestialidade e definiu a palavra novamente para significar independência de todas as mudanças da fortuna, como da riqueza para a pobreza ou da liberdade para a escravidão, juntamente com as compulsões e privações que as acompanham.¹⁵¹

3.1.6. Timão e sentido de “os cães”

DeWitt comentou que Epicuro havia sido tachado por Timão como "o cão mais baixo entre os físicos."¹⁵² E, para esse autor, essa citação permitia, com certeza incontestável, afirmar que em Filipenses 3,2 o apóstolo Paulo tivesse em mente os epicureus.¹⁵³

Conclusão

Esta pesquisa deu destaque a algumas opiniões identitárias sobre a frase "os cães" em Filipenses 3,2. A tese que recebeu maior destaque foi a de DeWitt. Seguindo essa perspectiva, poder-se-á conjecturar que Paulo às vezes raciocinava à maneira de Epicuro. Algumas das palavras do apóstolos são peculiares ao vocabulário do filósofo e parecem ecoar de modo bem elaborado ou modificado ditos e ideias conhecidas dos epicuristas.¹⁵⁴ É com essas informações em mente que DeWitt vai ler a epístola aos Filipenses e identificar o sujeito em 3,2. Não se deve ignorar que Paulo pudesse ter refletido algum conhecimento do pensamento (doutrinas e ensinamentos) epicurista, muito embora esse não fosse a principal fonte de seu próprio ensino.¹⁵⁵ Além disso, deve ficar estabelecido que Paulo e Epicuro sustentam visões de mundo diferentes. E, nesse aspecto, o ensino do apóstolo e o do filósofo grego revela diferenças em ethos e comportamento.

Contudo, é possível que Paulo tivesse em mente em Filipenses 3,2, um dos sujeitos ou tipos investigados neste estudo, inclusive, o tipo epicureu. Porém, não é possível ser conclusivo sobre isso. O que parece ser inequívoco

¹⁵¹ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 35.

¹⁵² DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 24.

¹⁵³ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 24.

¹⁵⁴ DEWITT, N. W., St. Paul and Epicurus, p. 37.

¹⁵⁵ WITHERINGTON, B. III., Friendship and Finances in Philippi, p. 3.

é que o tipo retratado em 3,2 se achava uma raça superior (verso 4) e pregava a adoção de um estilo de vida com regras e regulamentos particulares.¹⁵⁶

Referências Bibliográficas

ASCOUGH, Richard S. **Voluntary Associations and Community Formation: Paul's Macedonian Christian Communities in Context.** Toronto, 1997. 593 p. Tese. University of St. Michael's College.

BÍBLIA. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BOCKMUEHL, Markus. **The Epistle to the Philippians: Black's New Testament Commentary.** Peabody: Hendrickson Publishers, 1998.

BROWN, Raymond E. **An Introduction to The New Testament.** New York: Doubleday, 1997.

BYRNE, Brendan. Carta a los Filipenses, p. 304-313. In: BROWN, Raymond. E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Eds.). **Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento.** Navarra: Verbo Divino, 2004.

CARSON, Donald A.; et.al. **An Introduction to the New Testament.** Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992.

CARVALHO, Adriano S. **Uma introdução ao Pensamento de Epicuro.** São Paulo: Editora Reflexão, 2020.

DEWITT, Norman W. **St. Paul and Epicurus.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1954.

EADIE, John. **A Commentary on the Greek text of the Epistle of Paul to the Philippians.** New York: R. Carter and Brothers, 1859.

ELLCOTT, Charles John. **Critical and Grammatical Commentary on ST. Paul's Epistles to the Philippians, Colossians, and Philemon.** London: John W. Parker and Son, West Strand, 1857.

¹⁵⁶ SUNUKJIAN, D. R., Invitation to Philippians, p. 76.

FEE, Gordon D. **Paul's Letter to the Philippians**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

GNILKA, Joachim. **The Epistle to the Philippians: the Epistle to the Colossians**. New York: Herder and Herder, 1971.

HARMON, Matthew. **Philippians**. A mentor Commentary. Ross-shire, Scotland: Mentor, Christian Focus Publications, 2015.

HENDRIKSEN, William. **Exposition of Philippians**. Grand Rapids: Baker Book House, 1962.

HENGEL, Wessel Albertus. van H. (Ed.). **Commentarius Perpetuus in Epistolam Pauli ad Philippenses**. Turim: Lugduni Batavorum et Amstelodami, apud S. et J. Luchtmans et J. Müller, 1838.

HUNTER, Archibald M. **The Letter of Paul to the Galatians; the Letter of Paul to the Ephesians; the Letter of Paul to the Philippians; the Letter of Paul to the Colossians**. Virginia: John Knox Press, 1959.

MARTIN, Ralph P. **New Century Bible Commentary**. Grand Rapids: WM. B. Eerdmans Publ.; London: Marshall, Morgan & Scott Publisher, 1980.

MAYER, Wendy. (Ed.). **John Chrysostom**. Homilies on Paul's Letter to the Philippians. Introduced, translated, and annotated by Pauline Allen. Atlanta: Society of Biblical Literature: from the Greco-Roman world; volume 36, 2013.

PLUMMER, Alfred. **A Commentary on St. Paul's Epistle to the Philippians**. New Jersey: Fleming H. Revell Company, 1980.

REUMANN, John. **Philippians: a New Translation with Introduction and Commentary**. The Anchor Yale Bible. New Haven: Yale University Press, 2008.

SCHMITHALS, Walter. **Paul & the Gnostics**. Nashville: Abingdon Press, 1972.

SUNUKJIAN, Donald R. **Invitation to Philippians: building a great Church through humility**. Wooster: Weaver Book Company, 2014.

TORRANCE, David. W.; TORRANCE, Thomas. (Eds.). **CALVIN, Jean.** The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1960.

VINCENT, Marvin R. **The Epistles to The Philippians and to Philemon.** Edinburgh: T. & T. Clark, 1897.

VINE, William Edwy. Vine's. In: UNGER, Merrill.; WHITE, William. (Eds.). **Vine's Complete Expository Dictionary: Old and New Testament words.** Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1985.

WAGNER, Nicholas E. **Paul and Cynism in Philippians 3.2.** Disponível em: <https://www.bc.edu/content/dam/files/research_sites/cjl/pdf/Nicholas.Wagner.CCJL2011.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.

WITHERINGTON, Ben III. **Friendship and Finances in Philippi: the Letter of Paul to the Philippians.** Valley Forge: Trinity Press International, 1994.

WRIGHT, Tom N. **Paul for Everyone.** The prison Letters: Ephesians, Philippians, Colossians and Philemon. London: SPCK; Louisville: Westminster John Knox Press, 2004.

YAMAUCHI, Edwin M. **Pre-Christian Gnosticism: a Survey of the Proposed Evidences.** Grand Rapids: Baker Book House, 1973.

Adriano da Silva Carvalho

Mestre em Estudos Hermenêuticos pelo

Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper Mackenzie.

São Paulo/SP – Brasil.

E-mail: adriano3656@gmail.com

Recebido em: 04/11/2023

Aprovado em: 18/04/2024